

Atividades de proteção das plantas no pomar em agosto

Автор(и): ас. Кирил Кръстев, Институт по декоративни и лечебни растения – София

Дата: 10.08.2025 *Брой:* 8/2025



Com exceção do oídio na macieira e no pessegueiro, o risco de doenças fúngicas praticamente passou. Os danos causados por insetos e ácaros nocivos também estão bastante reduzidos, uma vez que as folhas velhas não são adequadas para o seu desenvolvimento. Além disso, alguns deles migram para os seus hospedeiros alternativos.

As atividades de proteção de plantas em agosto visam principalmente proteger a frutificação dos danos causados por vermes e as folhas das traças-minadoras, percevejos e outras pragas que desenvolvem várias gerações. Monitorar os danos causados por ácaros, devido ao aumento da sua população.

Os tratamentos devem respeitar os intervalos de segurança dos pesticidas e a época da colheita. Devem ser realizados durante as horas mais frescas do dia.

Em pomares de fruteiras

Todos os pomares são monitorados quanto à presença da lagarta-do-figueiro-do-bordo. Quando o limiar económico é ultrapassado, as culturas são tratadas com Dipel 2 X (100 g/da).

A lagarta-do-figueiro-do-bordo (*Hyphantria cunea* Drury.) está disseminada por todo o país. Tem um tipo de dinâmica populacional plurianual (multiplica-se massivamente a cada 5–6 anos). É uma espécie tipicamente polífaga, atacando mais de 240 espécies de plantas pertencentes a 47 famílias botânicas. Prefere a amoreira, a macieira, a ameixeira, a cerejeira, a marmeleira, a noqueira, o bordo e o freixo entre as espécies de folha larga.

Na Bulgária, a lagarta-do-figueiro-do-bordo geralmente desenvolve duas gerações por ano e, por vezes, uma terceira parcial. Inverna como pupa sob casca fendida nos troncos das árvores, sob telhados ou superficialmente no solo. As larvas recém-eclodidas de um único aglomerado de ovos envolvem várias folhas com fios de seda e preparam um ninho larval comum, onde habitam. O ninho expande-se gradualmente à medida que se alimentam e crescem, abrangendo toda a parte terminal do ramo e, por vezes, raminhos vizinhos. Até ao quinto instar (geralmente têm sete, mas por vezes mais) vivem no ninho, que as protege de predadores. Após esta fase, as larvas levam uma vida independente. A sua densa pilosidade protege-as de insetos predadores e aves.



As larvas jovens (nos ninhos) esqueletizam parcialmente as folhas, alimentando-se de uma epiderme e do parênquima. As larvas mais velhas esqueletizam grosseiramente as folhas sem afetar as nervuras, e as larvas mais velhas consomem toda a lâmina foliar. Na ausência de alimento, as larvas também podem roer superficialmente os frutos. Em densidades populacionais mais elevadas, a praga pode desfolhar completamente árvores grandes em áreas significativas.

As mariposas da segunda geração voam desde o início de julho até ao final de agosto. A sua fecundidade é ainda maior (2.500 ovos). Os danos causados pelas larvas eclodidas são frequentemente ainda maiores do que os da primeira geração, com um máximo em agosto e início de setembro.

Após a alimentação, as larvas desta geração pupam e permanecem para hibernar. Alguns dos indivíduos que pupam mais cedo podem emergir como uma terceira geração parcial, mas isso ocorre apenas em certos anos e com densidade populacional muito baixa.

Os pomares de fruteiras infestados pela traça-das-folhas-da-macieira são pulverizados com um dos seguintes produtos – Delegate 250 WG (30 g/da), Rapax 100–200 (ml/da), Dipel DF 50–150 (g/da), Avant 150 EC (33,3 ml/da), Decis 100 EC (8,75–12,25 ml/da), Coragen 20 SC (16–30 ml/da). Para a confusão sexual também pode usar dispensadores de feromonas combinados – Isomate – SLR (100 unid./da).

Os troncos e ramos grossos das árvores frutíferas infestados por escolitídeos são tratados com um dos seguintes produtos – Decis 100 EC (12,25 ml/da), Coragen 20 SC (30 ml/da), Sumi Alpha 5 EC (0,03%), Karate Zeon 5 SC (15 ml/da).



O pequeno escolitídeo da fruta (*Scolytus (Ecoptogaster) rugulosus* Ratz.) está disseminado. Prefere espécies de fruta de caroço – pessegueiro, damasqueiro, cerejeira, ameixeira, mas também ataca frutas de pomóideas – pereira, macieira, etc. Tem preferências varietais – por exemplo, a cultivar de maçã Gloster e o porta-enxerto M9. Ataca tanto pomares velhos e abandonados como plantações jovens com plantas saudáveis, o que o torna uma praga mais perigosa do que o grande escolitídeo da fruta.

A espécie desenvolve duas gerações por ano. Inverna como larva de várias idades em galerias nos troncos e ramos das árvores frutíferas. Os besouros da segunda geração aparecem em julho–agosto e podem ser encontrados até setembro–outubro. Roem orifícios de saída redondos com cerca de 1 mm de diâmetro. Alimentam-se das gemas e da casca dos ramos e rebentos. Voam bem e dispersam-se para novas árvores. Após a cópula, as fêmeas roem um orifício de entrada na base das gemas e ramos esqueléticos e penetram nos ramos. Aí fazem galerias maternas longitudinais curtas (1,5–3 cm). Em ambos os lados da galeria materna escavam pequenos nichos, em cada um dos quais depositam um ovo. São depositados de 10 a 40 ovos numa única galeria materna. A fecundidade das fêmeas varia de 12 a 120 ovos. Após a postura, as fêmeas morrem e tapam os orifícios de entrada com os seus corpos. As larvas eclodem após uma a duas semanas e roem

galerias larvais laterais, que são longas, curvas e podem cruzar-se. Frequentemente, as galerias estão completamente preenchidas com excremento compactado. As larvas eclodidas permanecem para invernar nas galerias e, em condições meteorológicas mais amenas, a alimentação pode continuar durante os meses de inverno.

Os pomares de pessegueiro são pulverizados com um dos seguintes produtos – Sulphur WG (600 g/da), Solfo 80 WG (750 g/da), Systhane 20 EW (0,03%), Luna Experience (50–75 ml/da), Flint Max 75 WG (0,02%) contra o oídio; com um produto à base de deltametrina – Decis 100 EC (12,5 ml/da), Meteor (90 ml/da), Deka EC (50 ml/da) contra a traça-das-fruteiras-oriental, a traça-dos-gomos-do-pessegueiro (terceira geração), a cochonilha-branca-da-moreira, a cochonilha-de-San-José; e com Apollo 50 SC (40 g/da), Valmec (60–96 ml/da) ou outro produto à base de abamectina, Voliam Targo 063 SC (75 ml/da), Naturalis (100–150 ml/da) contra ácaros.



O fungo ascomiceto *Sphaerotheca pannosa* (Wallroth) Levelle var. *persicae* Woronichin, com estágio conidial *Oidium leuconium* Desmazieres, agente causal do oídio do pessegueiro, inverte entre as escamas das gemas infetadas.

A infecção local aparece primeiro nos frutos jovens, em crescimento, sob a forma de manchas pulverulentas em expansão. Sob elas, a polpa do fruto escurece, torna-se suberosa e muito frequentemente racha. Os frutos jovens são suscetíveis à doença até atingirem um tamanho de cerca de 4 cm, após o que geralmente não se infetam. Frequentemente, frutos ligeiramente infetados crescem até à maturidade de colheita, mas

permanecem manchas suberosas neles. Na segunda metade do verão, formam-se numerosas manchas cloróticas, maioritariamente angulares, nas folhas e extremidades dos rebentos, cobertas na página inferior por um revestimento pulverulento. As folhas afetadas ficam severamente deformadas e, sob elevada pressão da doença, necrosam e caem.

As cultivares de nectarina são particularmente muito suscetíveis ao oídio.

A doença desenvolve-se numa ampla gama de temperaturas, mas com maior humidade do ar, embora infeções individuais sejam possíveis em condições secas. Chuvas frequentes e intensas são desfavoráveis para o desenvolvimento do oídio, pois inibem o crescimento fúngico e levam à lavagem das esporos ou à sua morte. A germinação dos esporos é estimulada pela luz e os frutos doentes estão geralmente localizados nas partes mais altas, sul ou sudoeste da copa da árvore.



A traça-dos-gomos-do-pessegueiro (*Anarsia lineatella* Zell.) está disseminada por todo o país. Prefere espécies de fruta de caroço. Ataca mais severamente o pessegueiro, o damasqueiro e a ameixeira. Também foi encontrada na cerejeira, amendoeira, ginja, etc.

O inseto desenvolve três gerações por ano e, num outono quente, uma quarta. Inverna como larva de segundo instar e, mais raramente, de primeiro instar, em gemas, frutos mumificados, bifurcações de ramos, pedúnculos dos frutos e no tronco. Para hibernar, a larva roe uma pequena câmara com paredes lisas, revestida com fios

de seda. Mais frequentemente, a câmara está localizada nos andares médios da copa expostos ao sol. Geralmente, pequenos montes de excrementos castanhos acumulam-se em torno do local de hibernação.

As mariposas da terceira geração voam durante agosto–setembro até outubro. Danificam principalmente os rebentos, mas por vezes também atacam os frutos. Uma larva danifica 1–2 rebentos e/ou um fruto. Nesta altura, o comprimento da galeria nos rebentos é de 2–3 a 8–10 cm. Os rebentos infestados murcham e, posteriormente, a sua parte terminal seca juntamente com as folhas e o seu crescimento para. Em frutos pequenos, as larvas podem destruir todo o interior e, em frutos maiores, roem uma galeria curta na parte carnuda. O dano assemelha-se ao causado por vermes da fruta.

A cochonilha-branca-da-moreira (*Pseudaulacaspis pentagona* Targ.) ataca a amoreira, o pessegueiro, a ameixeira, a cerejeira, a amendoeira, a noqueira, a figueira, o castanheiro-da-índia, o abrunheiro-bravo, o evónimo, o louro-cerejo, o lilás, a sófora e outros. Hoje pode ser encontrada em todo o país.

Nas nossas condições, a cochonilha-branca-da-moreira desenvolve 2–3 gerações por ano. Inverna como fêmea adulta, sexualmente imatura, e como ninfa dos indivíduos machos.

A segunda geração aparece em agosto, a terceira – em setembro e outubro. O dano é idêntico ao de outras cochonilhas-lapa – as colónias formadas na madeira causam necrose do tecido cambial sob a casca e seca dos ramos. Observam-se manchas vermelhas nos frutos.

Os frutos de avelã com vermes caídos são recolhidos e destruídos.

Os pomares de macieira são tratados com um inseticida piretróide – Decis 100 EC (7,5–12,5 ml/da), Sumicidin 5 EC (0,02%), Afikar 100 EC (15 ml/